

A cultura e o Interior

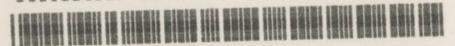
Segundo mercado produtor do País e primeira praça comercial do Estado, o Interior de São Paulo é certamente a mais clara evidência brasileira do princípio da aldeia global das comunicações de massa. Tanto os moradores da pequena cidade de Borá, a menor receita executada da comunidade paulista de municípios, quanto a heterogênea e sofisticada população frequentadora da rica "ilha" implantada na região dos Jardins da Capital têm em comum o privilégio de dispor simultaneamente da mesma cobertura informativa de jornais diários, revistas semanais, grandes emissoras de rádio e estações de televisão. Os pontos mais remotos do Estado estão interligados por via aérea de forma a não haver distância que não possa ser coberta em pouco mais de uma hora de voo.

Os efeitos desse fenômeno cultural são sentidos diretamente pelas prefeituras, constantemente cobradas no sentido de produzirem uma programação anual intensa, cobrindo as mais diversas subáreas do setor. Dosar a inevitável presença dos chamados talentos locais com a avalanche de ofertas de espetáculos e eventos montados a partir dos principais centros urbanos é tarefa difícil, e comumente conduz à formação de secretarias e departamentos de cultura no organograma das administrações municipais.

É uma tarefa difícil. O meio é por si só dominado pelo emocional sobre o racional, pelo estrelismo sobre a realidade, pela convicção inamovível de que aquela determinada atividade é, no elenco cultural, a de maior importância. Mais que isso: raramente é possível criar massa crítica local para manter o processo em evolução. As raras exceções, encontradas em Campinas, Piracicaba e Ribeirão Preto, apenas confirmam a regra geral. O mesmo nessas capitais regionais, as coisas nem sempre andam bem. Basta lembrar que nos últimos três anos passaram pela Secretaria de Cultura de Campinas cinco secretários. Surpresa: os acadêmicos, oriundos dos quadros da Universidade estadual, Unicamp, simplesmente não conseguiram compatibilizar seu ritmo metódico, analítico, à demanda de agilidade inerente ao serviço público consumido maciçamente.

Socialmente a questão é também delicada, na medida em que as atividades das secretarias de Cultura ou seus equivalentes são invariavelmente os únicos canais pelos quais as administrações locais se comunicam positivamente com os cidadãos, ao contrário do que acontece com as dependências de finanças, obras e justiça, quase sempre empenhadas, por exemplo, em ampliar a arrecadação, regularizar situações técnicas e efetivar desapropriações. Capitalizar os frutos desse novo filão político é um trabalho complexo, ainda não dominado completamente pelos responsáveis pela gestão das cidades paulistas.

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE030800